

ARMAND-HENRI MORITZ¹

(Mainz, Alemanha 1890; S. Paulo, Brasil, 1971)

MARGOT MORITZ

(St. Jean s/Sarre, França, 1906; S. Paulo, Brasil, 1993)

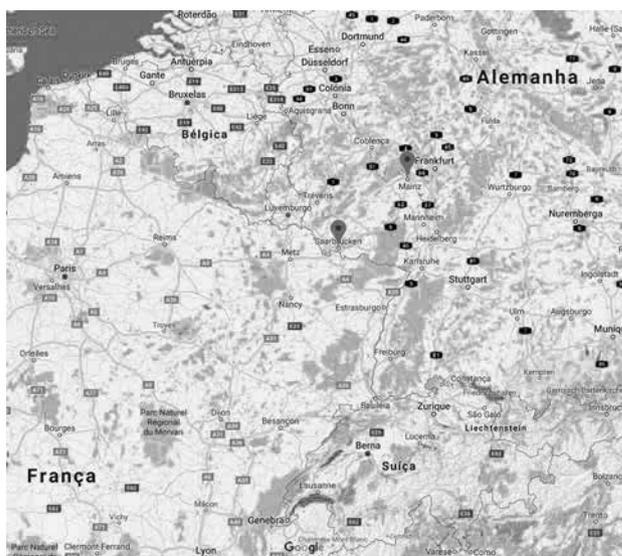


Margot Moritz e seu neto Roberto.
S. Paulo, 1958/59.
Acervo: Moritz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Margot Moritz a Gaby Becker e Marília Freidenson para o projeto *Memórias da CIP*. S. Paulo, 7.10.1991. Transcrição: Débora Pinkuss Lewinski – CDM/AHJB/SP. Transcrição: Tucci Carneiro. Pesquisa: Blima Lorber. Revisão com a participação dos irmãos Roberto, Noemi e Lilian Moritz.

Franceses por opção

Armand-Henri Moritz, francês por opção, nasceu em Mainz (Alemanha), em 30 de dezembro de 1890, filho de Sigmond e Katinka (Catherine) Moritz. A família era de judeus ortodoxos e “ultra-*kasher*” – como disse Margot anos depois – usando sempre as louças e os meios apropriados para a produção dos alimentos. Estavam ali há muitas gerações mantendo uma fábrica de chapéus e, mais tarde, uma loja de charutos. Margot Moritz, também francesa, nasceu em St. Jean s/Sarre (hoje Saarbrücken, território do Saar (Alemanha), mas naquela época pertencia à França) em 27 de agosto de 1906, filha de Isidore e Sophie Simon, sendo Hesslein seu sobrenome de solteira.



Mainz (Alemanha), cidade natal de Armand-Henri Moritz e Saarbrücken (hoje Alemanha), cidade natal de Margot Moritz.
Google Maps.

Até então, as famílias de Armand e Margot (mesmo antes de se conhecerem) levavam uma vida tranquila, dedicada ao trabalho e aos seus familiares. Armand Moritz passou toda a infância em Mainz (Alemanha) e formou-se em jurisprudência e história em Berlim. Antes da Primeira Guerra Mundial, viveu quase 5 anos em Nápoles (Itália), passando o verão nas montanhas da Calábria. Entre 1910 e 1914 trabalhou para a firma de um tio que fabricava dormentes. A partir de 21 de setembro de 1921, foi para Saarbrücken trabalhar na firma do

pai de Margot, com quem se casaria alguns anos depois. Por uma coincidência, ele era primo de segundo grau de Margot. Armand era 16 anos mais velho que ela. Saarbrücken era uma cidade pequena, com mais ou menos 125 mil habitantes e cerca de 200 famílias judias.²

O pai de Margot era natural de Bingen am Rhein, na Alemanha, e a mãe havia nascido em Bamberg, na Bavária. Margot passou sua infância em St. Jean s/Sarre, onde estudou no Liceu Municipal. Tinha apenas 5 anos quando sua mãe morreu. Ela e seu irmão mais velho ficaram sob os cuidados de uma governanta, pois seu pai não voltou a se casar. Seguiam um judaísmo liberal-conservador e não comiam alimentos *kasher**, apesar dos três açougues *kasher* que funcionavam na cidade. Margot sempre gostou de praticar esporte e de viajar. Estudou “ciências de casa” na *École Ménagère*, em Estrasburgo. Seu pai possuía uma fábrica de adubos químicos localizada na Lorena, onde Armand foi trabalhar. Ali conheceu Margot, e durante um ano e meio noivaram, até o casamento ocorrido em 1925 em uma pequena cerimônia com cerca de vinte e cinco pessoas da família. Margot tinha apenas 20 anos.

O casal fixou residência em Saarbrücken, onde existia uma pequena comunidade judaica e uma loja da B'nai B'rith sendo Armand-Henri o presidente. Moravam em uma pequena rua, rodeados de vizinhos, muitos dos quais cristãos. Armand ia de carro de Luxemburgo para a fábrica na Lorena, percorrendo uns 50 quilômetros todos os dias, inclusive aos sábados. Seus filhos nasceram em Saarbrücken e, quando foram morar em Luxemburgo, aprenderam a falar o luxemburguês, uma mistura de francês com alemão. Como não dominavam o francês, recebiam aulas particulares e algum tipo de ensino judaico. Em Luxemburgo atuava o rabino Serebrenick, oriundo de Viena.

2 A comunidade judaica de Saarbrücken existe desde a Idade Média até hoje e somente foi interrompida durante a era nazista, abalada pelas deportações e massacres de judeus. No século XIX, Saarbrücken desenvolveu-se como o centro das indústrias do carvão e do aço no Saar, atraindo muitas famílias judias para aquela área e lugares próximos na região da Alsácia, Lorena e o Palatinado. Muitos judeus da Europa Oriental vieram fugindo dos *pogroms* em suas cidades de origem. Desde a segunda metade do século XIX, eles abriram muitas lojas e empresas comerciais. Em 1916, havia treze lojas têxteis e quatorze lojas de couro e sapato pertencentes aos judeus. Em 1910, quatro dos 44 médicos da cidade eram paroquianos judeus e, em 1919, sete dos então 40 advogados. Vários judeus estavam também entre os atores de teatro e também na orquestra. Várias indústrias foram construídas por empresários judeus, incluindo fábricas de produtos químicos e de tabaco. Dois hotéis e uma farmácia também pertenciam a judeus. A comunidade judaica tinha uma sinagoga (s.u.), uma escola judaica, um banho ritual e um cemitério.

Cotidiano abalado

A partir de 1933, os Moritz começaram a sentir os problemas vivenciados pelos judeus alemães e poloneses em fuga. Armand, segundo contou Margot, atuava também como dirigente do *Zentral Wohlfahrt Stelle* (ZWST)^A, uma instituição que atendia os judeus de uma forma geral. Portanto, o casal sabia do perigo que se aproximava, pois chegara a oferecer abrigo aos judeus refugiados que buscavam abrigo, à noite, em sua casa. A partir de 1935, após o plebiscito que decidiu a volta do do território do Sarre para a Alemanha, as coisas pioraram.^B



A SS marcha pelas ruas de Saarbrücken, ornamentadas com bandeiras ostentando a suástica, após os resultados do plebiscito realizado em janeiro de 1935. Saarbrücken, 28 de fevereiro de 1935. Archives Welt Digital. Disponível em: <<https://www.welt.de/geschichte/article172375404/Saarland-will-zurueck-ins-Deutsche-Reich.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.>

A-*Zentral Wohlfahrt Stelle* (ZWST) é baseado no comando judaico do Tzedaká* e dedicado ao trabalho social com os idosos, adolescentes e pessoas com deficiência. Foi fundado em 1917 como o *escritório central de bem-estar dos judeus alemães*, a fim de coordenar as diversas instituições sociais e organizações de caridade da comunidade judaica como uma organização guarda-chuva. Como tarefa principal tinha a integração de judeus da Europa Oriental e, acima de tudo, da antiga União Soviética. Além disso, investia na educação de trabalhadores qualificados, com competência para fortalecer a comunidade judaica contra o antissemitismo e a discriminação. Sua sede é em Frankfurt. A iniciativa veio de Bertha Pappenheim (1859-1936) que, em 1904 já havia presidido a Associação das Mulheres. Com a ascensão do nacional-socialismo, o ZWST foi dissolvido à força em 1939. Em 1951, o ZWST foi restabelecido em Frankfurt para ajudar os sobreviventes do Holocausto e ajudar a reconstrução da Alemanha. Após a queda do muro em 1989, os objetivos e a estrutura do ZWST mudaram devido à imigração dos judeus da antiga URSS. Hoje, a integração dos imigrantes é a principal tarefa, além de cooperar com o centro de Pesquisa e Informação sobre Antissemitismo em Berlim. Ver: HEUBERGER, Georg and Rachel. *Zedaka – Jüdische Sozialarbeit im Wandel der Zeit: 75 Jahre Zentralwohlfahrtsstelle der Juden in Deutschland 1917-1992*. Frankfurt am Main, Druck: E. Henssler KG, 1992.

B-Território do Sarre, cuja capital era a cidade de Saarbrücken, foi formado em 1920 atendendo aos termos do Tratado de Versalhes. Desmembrado do Império Alemão passou a ser administrado pela Liga das Nações, período que a França ganhou o controle das minas do Sarre. Em 13 de janeiro de 1935, após 15 anos de administração da Liga das Nações, foi realizado um plebiscito sobre o *status* territorial do Sarre e cujo resultado expressou total sucesso do NSDAP: mais de 90% dos eleitores optaram pela unificação com a Alemanha, 9% (a maioria comunista e socialista) votaram para manter o *status quo* como território sob o mandato da Liga das Nações, e menos de 0,5% optou pela unificação com a França. A fim de alcançar a vitória neste referendo,



Ruas de Saarbrücken são renomeadas após a população ter optado pela Alemanha, um dos maiores sucessos do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – NSDAP), 28 de fevereiro de 1935. Politik-Archives Welt Digital. Disponível em: ><https://www.welt.de/geschichte/article172375404/Saarland-will-zurueck-ins-Deutsche-Reich.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.>

Este cotidiano foi ainda mais abalado em novembro de 1938, quando as sinagogas de Saarbrücken e de Luxemburgo foram queimadas durante a *Noite dos Cristais*.^A Em Saarbrücken, segundo relatos de Margot anos depois, os nazistas costumavam cantar à noite diante da casa: *Wenn das Judenblut vom Messer spritzt dann geht's nochmal so gut*.^B Isso espalhava o medo, principalmente nas crianças. Amedrontados, Armand, Margot e seus filhos fugiram para Blois, na França, onde permaneceram entre setembro de 1939 e janeiro de 1940. Deixaram todos os seus bens aos cuidados da Sra. Katinka (Catherine), mãe de Armand, que ali permaneceu até ser presa e levada para um convento ao norte de Luxemburgo.

Razões da fuga

Diante deste contexto, os judeus deveriam sair daquele país o mais rápido possível. Entre 8 de agosto de 1940 até a

os nazistas recorreram a agressões, mentiras e pressões brutais, táticas alteradas a partir de novembro de 1934, temendo uma intervenção armada da França. Josef Burckel, comissário de Hitler para o Sarre, proibiu reuniões, desfiles, procissões e o uso de uniformes em uma área de 25 milhas ao longo da fronteira do Saar entre 10 de janeiro e 10 de fevereiro de 1935. Os resultados foram aprovados pelo Conselho da Liga das Nações, fato concretizado em 1º de março de 1935. Em 1936, o Sarre foi incorporado ao Gau del Pfalz (Palatinado) para formar o Gau Pfalz-Saar (renomeado para Saarpfalz em 1937 e para Westmark em 1940). Após a Segunda Guerra Mundial, o Sarre voltou a ser administrado pela França, agora como protetorado.

A-Noite dos Cristais (*Kristallnacht*): *pogrom* organizado pelo regime nazista que abalou a segurança das comunidades judaicas na Alemanha e na Áustria ocupada (*Anschluss*) desde 13 de março de 1938. Centenas de judeus alemães e austríacos optaram pela emigração após este *pogrom* que culminou com 7.500 lojas de judeus pilhadas, 191 sinagogas incendiadas, centenas de mortos, prisões e encarceramentos de cerca de 30 mil homens judeus em campos de concentração.

B-Heckerlied é uma canção revolucionária antimonarquista da Revolução de Baden de 1848-1849. Friedrich Hecker, tentou reunir a plebe em Constança, a fim de tomar a cidade de Karlsruhe e destronar o duque de Baden. O fracasso do golpe ocorreu quando, no dia 20 de abril de 1848, tropas prussianas e hessianas mantiveram a vantagem na “batalha no Scheideck”, e Hecker teve que fugir de volta para a Suíça junto com a maioria dos partidários remanescentes. Ele nunca voltou a Baden, e emigrou para os Estados Unidos da América. A letra prova que, no século XIX, havia canções antisemitas instigando os *pogroms*, com letras que pediam o assassinato de judeus. A partir de 1933, passou a ser cantada por nazistas diante das casas dos judeus, como prova de que as mensagens de ódio foram preservadas e guardadas na memória.



A sinagoga na Kaiserstrasse [ao fundo] antes de ser destruída por um incêndio criminoso durante a *Noite dos Cristais*. Saarbrücken, c. 1938. Fotografia não identificado. Disponível em: <http://www.alemannia-judaica.de/images/Images%20263/Saarbruecken%20Synagoge%20120.jpg>. Acesso em: 30 jul. 2018.

proibição alemã da emigração em 15 de outubro de 1941, mais de 2.500 judeus saíram de Luxemburgo, a maioria para a zona não ocupada na França. Na lista de judeus deportados de Luxemburgo pelos nazistas consta o nome de Armand Moritz, como “residente em Luxemburgo, comerciante, mas na condição de fugitivo em 1940.”^A. Permaneceram em Luxemburgo apenas 750 judeus, dos quais 80% tinha acima dos 50 anos.

Dois meses antes, os nazistas já haviam começado a aprisionar os judeus, levando-os para o campo de Fünfbrunnen por uma linha férrea próxima a Ulflingen, de onde eram deportados. Para este local foram levadas a Sra. Katinka (Catherine), mãe de Armand, que morreu em Theresienstadt em 1943, e Flora, sua irmã, cantora, então com 55 anos. No Yad Vashem consta que Flora Moritz, nascida em 12

A-Name data of Jews deported from Luxembourg, 1940-1945: “bereits im August als flüchtig gemeldet” (já relatado em agosto como fugitivo). Pesquisa: Blima Lober.

de agosto de 1889, foi levada para Fünfburgen e, em 30 de julho de 1942, seguiu no Transporte X/1, nº 837, que partiu de Dortmund para Terezín. Em 15 de maio de 1944 foi internada em Terezín (Transporte Dz, nº 2135) e de lá para Auschwitz, onde morreu.^A

Com este conjunto de ocorrências que inserem a família Moritz na história do Holocausto, antecipamos aqui as razões que induziram o casal Armand e Margot a buscar refúgio no Brasil, trazendo consigo seus dois filhos Hella e Ernest. O irmão de Margot fugiu para a Suíça, enquanto que sua esposa e o filhinho Simon foram escondidos pelos maquis.^B Anos depois, Simon casou-se com uma belga e retomou à fábrica da família, que agora localizava-se no sul da França, deixando a França sob Mitterrand. Anos depois, o irmão de Margot trouxe para o Brasil a prataria que conseguiu recuperar de três segmentos da família.

Em Blois, os Moritz compraram novos móveis para mobiliar a nova residência, ainda que provisória. O clima era de tensão e insegurança. Desde maio de 1940 a França estava ocupada pela Alemanha, com Paris capitulada em 14 de julho. Assim a França permaneceu até dezembro de 1944, dividida em duas zonas: ocupada e livre. O embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, até então sediado em Paris, foi forçado pela ocupação alemã a transferir-se para Vichy, na França livre. Este, desde 1940, estava emitindo vistos “ilegais” aos judeus, descumprindo as regras impostas pelas Circulares Secretas. (CARNEIRO, 2014; KOIFMAN, 2002).

As pesquisas de Blima Lorber para o projeto *Vozes do Holocausto*- Arqshoah/USP nos chamam a atenção para o fato de que Thionville, cidade do nordeste da França, a

A-Documento testemunhal preenchido por Margot Moritz em nome de Flora Moritz (sua cunhada) e Katinka Moritz (mãe de Armand), na Associação Brasileira Beneficente dos Israelitas Sobreviventes das Perseguições Nazistas. S. Paulo, 14.8.1973. Pesquisa: Blima Lober.

B-Maquis ou maquisards (nome genérico) é o termo aqui usado para designar um dos grupos da resistência francesa que nos anos 1940 faziam oposição à ocupação da França pela Alemanha nazista e, ao mesmo tempo, protestavam contra os colaboracionistas. Os maquis geralmente se escondiam nas zonas montanhosas com vegetação (bosques ou florestas), com o objetivo de atacar os nazistas. Tiveram um papel importante na desmoralização da tropa de ocupação, além de oferecer informações ao governo francês no exílio e destruir vias férreas, impedindo o trânsito dos nazistas. O mais importante desses grupos na França foi o de Vercors. No norte da França atuaram outros quarenta grupos de resistência entre 1941 e 1942, dentre os quais a *Organisation civile et militaire* e o *Libération-Nord*. A *Franc-Tireur* surgiu em torno de um grupo de jornalistas liderados pelo historiador Marc Bloch, posteriormente assassinado pelos nazistas. Em outubro de 1941 os ingleses criaram em Londres o *Bureau Central de Renseignements et d'Action* (BCRA), chefiado pelo coronel Dewaurin. No Brasil, atuou uma importante frente do movimento *França Livre*. Na coleção *Vozes do Holocausto* ler a história de vida de Leo Weil, membro da Resistência Francesa e radicado no Brasil. Ver também: *Opera Mundi*: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/35718/resistencia-francesa+legado+de+bravura+e+lideranca+e+lembrado+decadas+depois+.shtml>. Acesso em: 30 jul. 2018.

110 quilômetros da fronteira de Luxemburgo, teria sido invadida pelos alemães em 10 de maio 1940. Neste mesmo ano foi ali estabelecido um campo de trânsito para os judeus serem encaminhados ao Leste Europeu. Antes do início da Segunda Guerra Mundial cerca de 3.500 judeus viviam naquele ducado e mais de mil refugiados judeus alemães fugiram para lá. As Leis de Nuremberg foram ali introduzidas em setembro de 1940, seguidas de outros procedimentos antijudaicos.



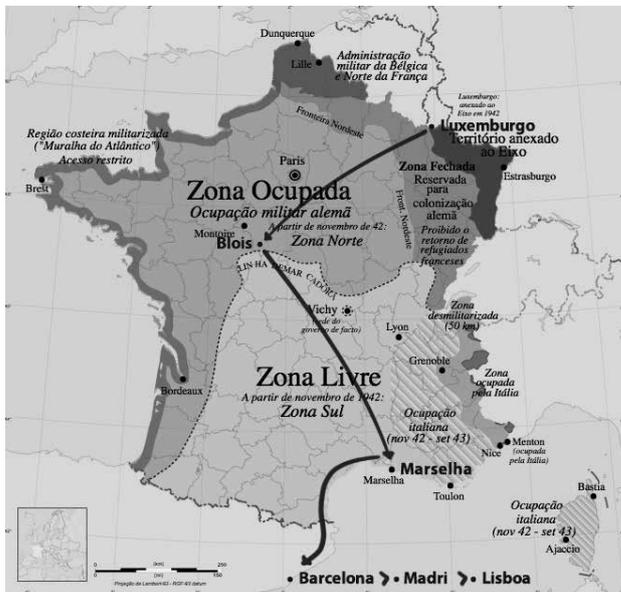
Nazistas marcham diante da sinagoga de Luxemburgo durante a ocupação, c. 1940-1943. Coleção particular. Fotógrafo não identificado. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Al_SynagogueLux_Nazidefile.jpg. Acesso em: 28 jul. 2018.>

Família Moritz sob a França ocupada

Na França ocupada a situação para os judeus estava desesperadora, forçando os refugiados judeus a buscar ajuda na França livre, que tinha sede em Vichy. Em setembro de 1940, cerca de cem mil poloneses judeus estavam reunidos nas cidades de Marselha, Nice e Lyon, aguardando vistos. O embaixador brasileiro Souza Dantas passou a concentrar suas recomendações e pedidos de autorização para concessão de vistos junto ao consulado de Marselha, onde estava o cônsul Murillo Martins de Souza e o vice-cônsul Roberto de Castro Brandão que, entre

1940 e 1942, emitiram os vistos, salvando assim centenas de judeus e perseguidos políticos. Entre os refugiados estavam o polonês Ziembinsky, diretor de teatro, a pintora tcheca Lise Forell e a família Moritz. (CARNEIRO, 2014; KOIFMANN, 2002: p. 214)

Alguns detalhes na documentação do casal Moritz merecem destaque: os locais e datas de emissão dos passaportes são diferentes. Armand-Henri teve o seu passaporte expedido em Thionville (França) em 13 de junho de 1938, enquanto que o passaporte de Margot foi expedido em Luxemburgo em 31 de maio de 1939. Assim, a partir destes registros, pressupomos que a intenção de deixar o país de residência já havia mobilizado o casal em 1938, postura comum aos judeus que, cada vez mais, sentiam-se ameaçados pela violência nazista que assombrava as comunidades judias na Europa. Portanto, não foi por acaso que a família Moritz deixou a França em ritmo de fuga para se juntar, alguns anos depois, ao grupo de refugiados da CIP, em S. Paulo.



Rota de fuga da família Moritz desde Luxemburgo até Lisboa, porto de partida para o Brasil. Produzido por Milena Issler a partir do Google Maps.

Para consolar as crianças sobre uma possível viagem para o Brasil, Armand argumentava: “Lá, vocês vão ver bananas e ananás à vontade!!!”. Mas nada parecia ser tão fácil. Com os passaportes em mãos, a família Moritz conseguiu quatro vistos temporários em 27 de abril de 1941, assinados pelo cônsul Murillo Martins de Souza, do consulado-geral do Brasil em Marselha, por ordem do embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas.

Neste momento, apesar do caos instalado na Europa ocupada, o governo de Getúlio Vargas mantinha as Circulares Secretas, impedindo a entrada de judeus no país. Diante da acusação de “ilegalidade”, Souza Dantas foi demitido em 17 de julho de 1942, “no interesse do serviço público”, por conta dos vistos ilegais. À frente do Itamaraty estava o chanceler Oswaldo Aranha. (KOIFMANN, 2002, Anexo 8).

Os Moritz viajaram de trem de Marselha até Lisboa, passando antes por Barcelona e Madrid. Permaneceram alguns dias em Portugal até conseguirem permissão para embarcarem no vapor Cabo de Buena Esperanza. Armand viajou de 3ª classe, no subsolo, com o filho Ernest (10 anos), e Margot veio de 1ª classe com Hella (12 anos), acomodadas em uma cabine para quatro pessoas. Como “irmãos de navio” tiveram uma senhora francesa com duas crianças, ocorrência que exigiu a inclusão de uma cama avulsa dentro da cabine.^A

Uma nova vida no Brasil

A família Moritz desembarcou no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1941, onde permaneceu por uma semana e, em seguida, viajou de trem para S. Paulo, sendo recebida por alguns amigos. Armand e Margot dominavam um pouquinho da língua portuguesa, pois tiveram algumas aulas em Lisboa, antes de partir. Carregaram, porém, e sempre, um forte sotaque francês misturado com alemão.

A partir de 1944, Armand-Henri, atendendo ao convite do Dr. Luís Lorch, entrou para a CIP, atuando em vários grupos. Frequentavam os serviços religiosos na Brigadeiro Galvão e depois na Paulista, no Odeon. As crianças Hella e Ernest foram estudar no Externato Teixeira Branco. Hella passou a receber aulas particulares com Gabi Reichman, filha do Dr. Reichman e, depois, entrou para a escola do comércio do Mackenzie, além de cursar um ano na Graded.

Em S. Paulo, a família Moritz instalou-se inicialmente em um hotel na rua Capitão Salomão, mas logo foi para uma casa mobiliada na rua Dr. João Pinheiros, ajudada pelos

A-Os vistos de entrada no Brasil emitidos aos passageiros do vapor Cabo de Buena Esperanza caducaram no meio da viagem entre Lisboa e Rio de Janeiro. O consul-geral do Brasil em Lisboa, J. Pinto Dias, interferiu junto a Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores durante o governo Vargas entre 1937 e 1944, esclarecendo sobre a situação. Em 15 de abril de 1941, encaminhou um ofício ao qual anexou a carta de Germano Serrano Arnaud, agente da companhia Ybarra Line, solicitando às autoridades brasileiras que não criassem obstáculos ao desembarque dos passageiros daquele vapor. Esclarecia que o Despacho Telegráfico nº 18, de 7 de abril, só foi recebido no dia 9, perdendo a chegada do referido vapor. Neste mesmo, o ofício relatava que havia recebido apenas 25 dos noventa passaportes visados em outros consulados brasileiros, dos quais dez obtiveram prorrogação dos vistos, sete tinham vistos diplomáticos e oito foram recusados. Ofício nº 52 de J. Pinto Dias, consul-geral do Brasil em Lisboa para Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil. Lisboa, 15.4.1941. Vários documentos podem ser consultados na aba “Arquivo” da Base de Dados www.arqshoah.com.

Armand Henri Moritz e Margot Moritz

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
 MODÉLO S.C. 129
 18-20/21

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso Armand Henri Moritz
 Admitido em território nacional em caráter TEMPORARIO
(temporário ou permanente)
 Nos termos do art. 25 letra b do dec. n. 3.010, de 1938

Lugar e data de nascimento Mayence, 30 / 12 / 1890
 Nacionalidade francesa Estado civil casado
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) Sigmond e Catherine Moritz
 Profissão industrial

Residência no país de origem

NOME	IDADE	SEXO
<u>Hella</u>	<u>12</u>	<u>feminino</u>
<u>Ernest</u>	<u>10</u>	<u>masculino</u>

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 713 expedido pelas autoridades de Prefeitura de Thionville na data 13-6-1938
 visado sob n. 26

ASSINATURA DO PORTADOR: Armand Henri Moritz

Consulado _____ do Brasil em Marselha 9 de Janeiro de 1941

SELO S.C. CONSUL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
 MODÉLO S.C. 129
 19

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso Margot Moritz
 Admitido em território nacional em caráter TEMPORARIO
(temporário ou permanente)
 Nos termos do art. 25 letra b do dec. n. 3.010, de 1938

Lugar e data de nascimento St-Jean s/Sarre, 27 / 8 / 1906
 Nacionalidade francesa Estado civil casada
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) Isidore e Sophie Simon
 Profissão sem

Residência no país de origem

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 239 expedido pelas autoridades de Consulado da França em Luxembourg na data 31-5-1939
 visado sob n. 27

ASSINATURA DO PORTADOR: Margot Moritz

Consulado _____ do Brasil em Marselha 9 de Janeiro de 1941

SELO S.C. CONSUL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fichas consulares de qualificação de Armand-Henri Moritz, Margot Moritz e seus filhos Hella e Ernest. Marselha, 9.1.1940. Acervo: Arquivo Nacional/Arqshoah/Leer-USP.

Liechtenstein.³ Em 12 de agosto de 1941, Armand informou ao Serviço de Estrangeiros em S. Paulo que havia transferido a residência para a rua Queluz, nº 107. Por portarem vistos

3 Hugo Lichtenstein (1876-1948), filho de João Lichtenstein e Regina Lichtenstein, casou-se com Rachel Natan Rachilenvitsch Tabacow (1882-1971), nascida na Romênia em 14 de agosto de 1900. Filhos do casal: Roberto, Rafael, Inácio, Annita, Olga, Leontina e Alfredo. Roberto formou-se em Química Industrial e casou-se com Rosa Lichtenstein. Hugo atuou como primeiro presidente da Sociedade Cemitério Israelita da Vila Mariana – SCISP até 1930, quando passou a presidente honorário e seu filho, Roberto, assumiu a presidência da entidade. No período da Segunda Guerra Mundial, quando os dispositivos legais do Estado Novo impunham às instituições a composição de uma diretoria formada por brasileiros, o brasileiro Roberto Lichtenstein foi eleito presidente da CIP, e José Ephim Mindlin, vice-presidente, cargos que exerceram de 17.12.1942 até 17.1.1944. Em 11.1.1945, o Dr. Mindlin foi eleito presidente, acumulando esta função com a de presidente do conselho da CIP até 18.12.1947. (HIRSCHBERG, 1976, p. 40, 84, 230 e 231).

temporários, a família ficava sob o controle da Secretaria de Segurança Pública do Estado, assim como os demais refugiados que estavam na mesma situação. A permanência definitiva no país somente foi aprovada em 18 de abril de 1944.

Margot nunca se esqueceu do primeiro café na casa dos Liechtenstein em 2 de maio de 1941, para o qual veio a Sra. Hirsch, mãe de Walter. Armand somente conseguiu trabalho em 1945, quando ficou sócio de um senhor cuja empresa de importação ficava na rua Rangel Pestana, nº 12. Em abril de 1947 mudou seu emprego para a rua Ouvidor, nº 51. Frequentou alguns cursos na Escola de Comércio Álvares Penteado, procurando profissionalizar-se cada vez mais como empresário.

No círculo de amigos da família Moritz estavam: Walter e Janette Hirsch, Hilde Calmanovitz, conhecida desde Saarbrücken, Hermann Frank e o Dr. Alfred Hirschberg^A, conhecido de Armand desde a Europa pelo envolvimento que tinham com a *Central Verein* e o Joint.^B Dentre os vizinhos brasileiros estavam os Liechtenstein e Lucila Lachmann, que teve aulas com o rabino-mor Fritz Pinkuss e converteu-se ao Judaísmo.

Em 5 de março de 1951, Armand-Henri foi eleito presidente da Assembleia de Representantes da CIP, e em 1963 entrou para a diretoria durante a gestão do Dr. Ernst Koch. Em entrevista concedida para o projeto *Memórias da CIP*, Margot Moritz contou que trabalhou com a Sra. Hoffmann no Lar das Crianças e fez parte do grupo de costura da *Chevra Kadisha* até o momento em que adoeceu [HIRSCHBERG, 1976: 234].. Participava também como voluntária das “Tardes da Costura”, reunindo-se semanalmente com outras senhoras para “honrar os mortos para o ensinamento dos vivos”. Assim, toda a família

A-Alfred Hirschberg esteve ligado à CIP como editor-chefe da *Crônica Israelita*, periódico semanal onde deixou sua marca de intelectual engajado. Nasceu em Gnesen em 27 de setembro de 1901, filho de Louis Hirschberg e Jennny Powidzer. Editor de profissão, residia em Berlim, e era casado com Eva Sara Hirschberg, alemã, filha de Karl Strimer e Edith Meresitz. Em 1927 apresentou o seu doutorado na Universidade de Leipzig. Sua trajetória é um dos exemplos mais expressivos da tragédia vivenciada pelos judeus na Alemanha que, em doses homeopáticas, foram perdendo sua liberdade de *ser* e de *estar no mundo*. Alfred passou de reconhecido editor e portavoza da *Central Verein* para prisioneiro em um campo de concentração, até fugir com toda a sua família para o Brasil em 1940. (OELSNER, 2017)

B-Aberta a toda comunidade judaica de S. Paulo e do Brasil, a CIP deve ser conhecida a partir das histórias de vida dos seus criadores, suas crenças, ações e produções. Sob esse viés, considero importante retomarmos os papéis assumidos pelos seus líderes, dentre os quais cito: Albert Stahl, Armand-Henri Moritz, Alfred Hirschberg, Alberto Hofmann, Ernest Koch, Ernesto Strauss, rabino-mor Fritz Pinkuss, Guilherme P. Krausz, Hans Hamburger, Hans Herzberg, Henrique Rattner, Luis Lorch, Max Perlman, Siegfried Adler, Walter Rehfeld. Tal iniciativa provou que é possível “conviver com o pluralismo de correntes e definições de Judaísmo (religioso e laico)”, conforme enfatizam o rabino Nilton Bonder e o sociólogo Bernard Sorj em *Judaísmo para o século XXI*, mas sem eliminar as possibilidades de conflitos e contradições. (BONDER; SORJ, 2010)



Ernst Moritz e Elena Moritz, s.l., s.d.
Acervo: Moritz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

envolveu-se com as atividades da CIP e, principalmente, com a construção da nova sede na rua Antonio Carlos. Margot, em seu testemunho registrado pelo Arquivo Histórico judaico Brasileiro, lembrou-se dos bailes e dos tijolos que, simbolicamente, eram vendidos para a construção do prédio. Margot faleceu em 25 de agosto de 1993, e Armand em 2 de novembro de 1971, ambos enterrados no Cemitério do Butantã.

Ernest Moritz casou-se com Elena e tiveram três filhos: Roberto, Lilia e Noemi, que foram monitores das colônias de férias da CIP. Com o nascimento dos netos, Armand passou a dar aula de bíblia não só para seus parentes como para os netos do casal Hirsch, os netos dos Cohen e os netos dos Hamburger. Ernest participou da diretoria executiva da CIP e também atuou como presidente da Assembleia de Representantes durante a gestão de Eber Alfred Goldberg (1972-1977), seguindo o caminho do seu pai Armand-Henri. Elena Moritz foi membro da diretoria e também Diretora de Juventude. Infelizmente, Ernest faleceu em 28 de fevereiro de 1975, alguns anos depois de seu pai. Roberto Moritz, hoje residente fora do Brasil, foi tesoureiro durante as duas gestões de Mario Arthur Adler (1996-1998; 1999-2000).

Álbum de família

Acervo: Moritz/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Armand-Henri discursa em homenagem aos noivos Ernst e Elena.



Elena Moritz.



Casamento de Elena e Ernest Moritz.



Elena e Ernst Moritz com os filhos Lilian, Roberto e Noemi.

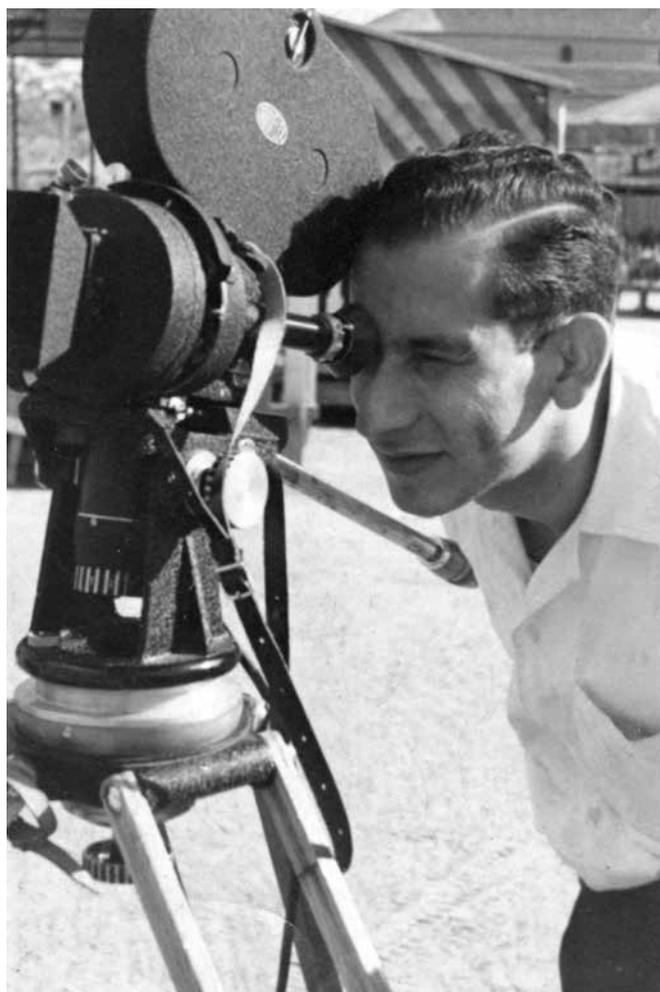
Armand Henri Moritz e Margot Moritz



Elena e Ernst durante viagem de navio.



Noemi, Lilian e Sylvia Hirsch.



Ernst Moritz.

Não é por acaso que a família Moritz tem seu nome inscrito nas memórias e no quadro de honra da Congregação Israelita Paulista (CIP). Basta percorrer a lista dos principais ativistas registrados nos quadros dirigentes dessa congregação para constatar que ela marcou presença. Ao lado de outros tantos refugiados do nazismo e imigrantes que circulavam pelo espaço da CIP, Armand-Henri Moritz e sua esposa Margot Moritz, assim como seus filhos Hella e Ernest, não só ajudaram a financiar algumas famílias judias que chegavam ao Brasil sem recursos, como assumiram responsabilidades que, articuladas com os demais membros das diretorias e comissões, garantiam uma boa sociabilidade na vida congregacional.

A presença de Armand-Henri Moritz nos quadros da CIP pode ser constatada a partir de 5 de março de 1951, por ocasião da sua eleição como presidente da Assembleia de Representantes, cargo que manteve até 25 de março de 1957, quando foi substituído pelo Dr. Martin Grumach. Dois anos depois, Armand foi eleito como “Vogal”, ao lado de Herbert Gottschalk, para triênio de 1960-1962. Entre 1963 e 1965, quando o Dr. Ernst Koch e Max Perlman⁴ respondiam pela presidência e vice-presidência da CIP, respectivamente, Moritz foi indicado como diretor da CIP junto à Federação, no mesmo momento em que Herbert Gottschalk respondia pela “Cultura”, Hans Herzberg pela “Juventude”, Herbert Loewenheim pelo “Culto” e Henrique Brandt pela “Mensalidades e Magbit”. Este mesmo grupo respondia também pela diretoria da Seção Educacional e Cultural. À frente do rabinato estavam o rabino-mor Prof. Dr. Fritz Pinkuss, o rabino M. Diesendruck, Albert Hofmann e Herbert Loewenheim. Além da CIP, o casal atuou como membro da B’nai B’rith de S. Paulo, onde Armand foi presidente durante quatro anos. (HIRSCHBERG, 1976, p. 233-235).

Tanto Henri como Margot participaram ativamente da *Chevra Kadisha*^{*}. Ambos cumpriam com a *Mitsvá*^{*} de limparem e vestirem os mortos da comunidade, e Margot fazia parte do “clube de costura”, que preparava a mortalha, o capuz e as sapatilhas que acompanhavam os mortos na sepultura. Margot também era muito ativa nos grupos de visitas, que davam alento aos doentes, aos mais velhos e àqueles que se encontravam sozinhos.

⁴ Max Perlman nasceu em 2 de setembro de 1903 na cidade de Huși (Romênia), filho de Moritz (Maurice) Perlman e Sophie (Sura) Perlman, e irmão de Beno, Clarisse (Titeanu, de casada) e Fedora (Pajiste, de casada). Jornalista, foi surpreendido em Paris justamente no momento em que a França estava sendo invadida pela Alemanha em 10 de maio de 1940. Conseguiu visto temporário por meio do consulado-geral do Brasil em Marselha (França), então sob a zona de ocupação de Vichy, em 23 de dezembro de 1940, o mesmo que havia expedido os vistos para Armand-Henri Moritz por ordens do embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas.

Hella Moritz (1919-2010), filha de Armand e Margot Moritz, e irmã de Ernest, falecido prematuramente aos 40 anos, tornou-se um dos braços direitos do casal Wilhelm e Anita [Adele] Speyer^A, atuando na organização dos acampamentos e treinamento de novas lideranças. Trabalhou também ao lado do Dr. Alfred Hirschberg, então ligado ao American Jewish Committee (AJC), além de marcar sua presença na Avandava, cumprindo com o lema “*Servir*”, que mobilizava os jovens da CIP. Mais tarde, tornou-se “um dos pilares do Congresso Judaico Mundial” (WJC), como a descreveu Ronald S. Lauder, presidente do Congresso. Circulou entre Genebra, Paris, Nova York e Jerusalém, atuando como intérprete e mediadora, atendendo a ministros e chefes de estado. Por seus méritos, atuou como secretária de duas importantes autoridades: David Shaltiel, representante diplomático de Israel no Brasil, e Nahum Goldman, presidente do WJC. Da mesma forma encantou Golda Meir em uma de suas visitas ao Brasil.^B (LEIPZINGER, 2011)

Um perfil histórico

O perfil histórico dos Moritz se amplia quando adentramos a condição de judeus refugiados do nazismo vivenciada pela família. A história da fuga (desde Luxemburgo até S. Paulo) se presta como exemplo da “capacidade do homem de transcender sua situação concreta imediata para dar um sentido para a sua existência”, como muito bem escreveu a psicóloga Sofia Levy (LEVY, 2014, p. 118). Ao mesmo tempo, a rota de fuga percorrida pelos Moritz expressa a constante

A-Em dezembro de 1939, a CIP contratou o casal de professores alemães Wilhelm e Anita [Adele] Speyer para organizar e liderar o recém-criado Departamento de Juventude e seus grupos juvenis. Desembarcaram no porto de Santos em 21 de maio de 1937 e, inicialmente, foram residir em Rolândia, norte do Paraná, onde já existia uma comunidade de judeus refugiados que haviam adquirido terras através da companhia inglesa *Paraná Plantation* (CARNEIRO, 1996). A partir de 1940, Wilhelm e Anita Speyer foram designados para estabelecer e administrar um departamento jovem junto a CIP. A proposta pedagógica adotada pelos Speyer a partir do modelo alemão transformou a Casa da Juventude (CAJU) na grande referência cultural da juventude judaica. Priorizando a formação de uma elite com o objetivo de atender as necessidades imediatas do pós-guerra, Wilhelm e Anita permaneceram à frente desta ação educativa até 15 de setembro de 1957. (CARNEIRO; CIP, 2018)

B-Sobre Hella Moritz ver a entrevista assinada e publicada por Fábria Terni Leipziger no *Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*, n. 44, jun. 2011, p. 38-39. Disponível em: <http://www.ahjb.org.br/pdf/Boletim%20AHJB_n%C2%BA44_final.pdf. Acesso em: 30 jul. 2018.>



Hella Moritz (1919-2010), filha de Armand-Henri e Margot Moritz, 1988.

Fotógrafo não identificado. Acervo: Moritz/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

mobilidade das linhas fronteiriças do terror e do antissemitismo, que aumentavam à medida que os nazistas ocupavam a Europa. Como franceses, tanto Armand como Margot acreditavam que sua pátria não cederia ao nazismo. Por isso permaneceram em seu país até o último momento. Segundo gostavam de narrar, tomaram o último navio possível, já no início da guerra, em 1940. Chegando ao Brasil, não mediram recursos para ajudar aqueles que necessitavam de financiamento, como fizeram questão de se integrar na vida brasileira, com Hella e Ernest frequentando escolas brasileiras.

Armand Henri Moritz e Margot Moritz

A história dos Moritz permite combinar a trajetória dos refugiados judeus radicados no Brasil com a história das instituições judaicas que, em diferentes momentos, cresceram graças às experiências e ao altruísmo destes homens e mulheres. Deixaram um amplo legado circulando entre a CIP e a B'nai B'rith, marcando assim um importante espaço na comunidade judaico-brasileira.